

APRESENTAÇÃO

Eric Sachs

(Parte 1: Escrito por Eric Sachs para apresentação do texto "Sobre o Fascismo" na Revista Marxismo Militante Exterior Nº 1, outubro de 1975. Parte 2: Escrito pelo autor para apresentação dos textos "Entre Jena e Leipzig" e "O Fascismo, a Pequena-Burguesia e a Classe Operária", na Revista Marxismo Militante Exterior Nº 2, abril de 1996).

Parte 1: Sobre o Fascismo, de August Thalheimer

Com o célebre trabalho de **August Thalheimer**, "Sobre o Fascismo", inauguramos uma seção permanente desta Revista, na qual pretendemos publicar matérias inéditas em língua portuguesa. Seleccionaremos este material histórico sob o ponto de vista da atualidade, isto é, fornecer subsídios para debates, que atualmente estão sendo travados ou que merecem ser travado em vista da problemática da luta que enfrentamos.

"Sobre o Fascismo", originalmente uma contribuição de Thalheimer à Comissão de Programa da Internacional Comunista, da qual o Autor, como menciona, fez parte, foi publicado pela primeira vez em 1930, em "Gegen der Strom" (*Contra a Corrente*), órgão teórico da recém fundada Oposição Comunista Alemã (KPO), sigla sob a qual a Oposição se tornou conhecida. A Oposição foi fundada em 1928/29 depois do VI Congresso da Internacional Comunista ter adotado um programa ultra-esquerdista, que inaugurou a luta contra o "social-fascismo".

A publicação do artigo desencadeou um debate prolongado sobre o caráter do fascismo, e contribuiu para a elaboração de uma teoria, comprovada nas duras lutas que se seguiram e que até hoje não perdeu sua atualidade. Naquela época o KPO foi a única organização na Alemanha (e provavelmente no mundo) que tinha noção real do fascismo e uma estratégia para enfrentá-lo - numa época em que o Partido Comunista oficial ainda via na Social-Democracia o inimigo principal e Trotsky ainda achava "menosprezível" o perigo nazista na Alemanha. O único teórico marxista, que na análise do fascismo partiu de premissas semelhantes a Thalheimer, foi Gramsci. As suas conclusões, porém, conhecidas somente depois da guerra mundial, não são tão claras e nem poderiam ser, pois escreveu na prisão, sob os olhos dos seus censores fascistas.

Até que ponto nos interessa hoje esses debates travados há mais de quarenta anos? Interessa-nos muito. Não só porque os maoistas, por exemplo, na sua luta contra o neo-revisionismo dos PCs oficiais, procuram reviver justamente o vocabulário ultra-esquerdista referente ao social-fascismo e, dessa maneira, cuidam da atualidade do problema. Na América Latina, o debate sobre o fascismo revive, de uma ou outra maneira, com todo novo golpe, com toda nova ofensiva de repressão da burguesia - e estas, nos últimos anos, não foram poucas.

Acontece, entretanto, que nós, no subcontinente, ainda não conhecemos o fenômeno fascista. Pelo menos não o conhecemos no poder. Os movimentos fascistas, na medida em que existiram ou existem entre nós, nunca passaram de instrumentos auxiliares da reação. Nem mesmo a ditadura militar chilena repartiu o poder com "Patria y Libertad" e não há dúvida que foi justamente

no Chile onde as contradições da luta de classe chegaram a ser as mais agudas. Em regra geral, na América Latina, a tarefa da repressão foi confiada às Forças Armadas.

Mas - pode-se perguntar - mesmo que as ditaduras militares não sejam fascistas, qual é a diferença para nós? Essa pergunta, de fato se ouve com freqüência, pois não é indiferente ser preso, torturado ou morto por uma repressão militar ou uma reconhecidamente de caráter fascista? Sim e não, se consideramos a questão do ângulo da luta que temos a travar contra essas forças.

O que a ditadura militar (do tipo que conhecemos no Brasil desde 1964) tem em comum com o fascismo (e com o bonapartismo) é o fato de se tratar nos três casos de ditaduras indiretas da burguesia. Essa terminologia só será compreensível para alguém que aceite a teoria de Estado de Marx e Lênin. Para estes, as repúblicas burguesas, parlamentares-democráticas, nunca passaram de ditaduras veladas da burguesia. Executivo, Legislativo e Judiciário, os Três Poderes, são justamente os três instrumentos mediante os quais a classe dominante impõe seus interesses na política diária. A burocracia estatal e as Forças Armadas são a grande reserva, que entra em funcionamento quando o jogo dos poderes não mais funciona como deveria. Mas, também na república democrática, o governo da burguesia é exercido, em última instância, sob a liderança da sua fração mais forte, o capital financeiro ou monopolista. Outra forma de democracia - o domínio do forte sobre o fraco - o capitalismo não conhece. Portanto, achamos completamente insuficiente a definição que, por exemplo, nos dão os companheiros da redação do "Brasil Socialista" em sua carta (BS Nº 3, p. 90). Querendo estabelecer o caráter do Estado brasileiro, de um lado e, de outro, do norte-americano, peruano, etc, dizem:

"A ditadura militar brasileira é a expressão da hegemonia do capital monopólico no interior da classe capitalista".

Achamos insuficiente essa definição, porque os monopólios têm hegemonia no seio da burguesia, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. A diferença real consiste no fato de os monopólios norte-americanos poderem assegurar a sua hegemonia dentro do quadro de uma democracia burguesa, no fato da ditadura da burguesia norte-americana poder se esconder atrás de estruturas democrático-burguesas. E somente quando estas estruturas não funcionarem mais, quando não permitirem mais a ditadura da burguesia (sob a hegemonia do capital monopolista) a classe dominante procurará outros meios para perpetuar o seu domínio.

Os "outros meios", já o dissemos, são formas de ditadura aberta da burguesia, já que esta renuncia ou é forçada a renunciar ao véu democrático-burguês. Mas com isso, a burguesia paga um preço, pois o "véu" democrático - parlamento, partidos políticos, "liberdade de imprensa", etc - eram instrumentos do seu domínio direto. É forçada a abandoná-los, quando entrega o governo e o aparelho de Estado ao Exército ou a um movimento de massa, fascista ou bonapartista. A ditadura, agora aberta e despida, torna-se indireta para a classe dominante. O Estado aparentemente está acima das classes. O Executivo, o único Poder que realmente restou, se *autonomiza* — nas palavras de Marx — conclusão a que chegou na sua análise do bonapartismo de Napoleão III.

O mérito de Thalheimer foi justamente reviver este método de Marx, e desenvolvê-lo de modo criador na época do fascismo e do aguçamento das lutas de classe em escala mundial.

Thalheimer mostra que a análise de Marx do regime bonapartista fornece a chave de um fenômeno que iria se repetir com muito mais freqüência na fase da decadência do capitalismo, o da incapacidade da burguesia de exercer diretamente o poder político. Na América Latina, então, as fases de governo direto burguês, de democracia burguesa foram curtas. No momento representam exceções. No Brasil, a organização **Política Operária**, praticamente desde a sua fundação, enfrentou o problema vivo da decomposição da precária democracia burguesa existente. Retomando a análise de Thalheimer e procurando aplicá-la às condições específicas do país, foi também a única organização de esquerda que não foi surpreendida pelo golpe.

Resta a pergunta, porque na América Latina não houve e não há ditadura fascista propriamente dita? Conhecemos formas de ditadura bonapartista, como Getúlio no Brasil e Perón na Argentina, para mencionar as mais conhecidas. Mas não existiu nenhum movimento de massa capaz de competir com as Forças Armadas tradicionais. Mesmo o integralismo no Brasil, só era tido como perigo real enquanto existia a perspectiva de uma aliança com o getulismo.

Acontece que a burguesia não escolhe de livre vontade os seus instrumentos de poder (se pudesse, não abandonaria o domínio direto). As formas de poder burguês são produtos das relações de força existentes entre as classes. O problema chave do surgimento de um movimento fascista de massas reside na situação da pequena-burguesia. Qualquer movimento burguês de repressão do proletariado tem de basear-se nessa classe média, pois a própria burguesia não tem, nem de longe, o necessário peso quantitativo para poder dispensar essa aliança. Vimos isso no Brasil, da mesma maneira como no Chile. Mas para o surgimento de um movimento fascista não basta que a classe média seja reacionária. Por paradoxo que possa parecer, a pequena-burguesia com predisposições fascistas é antimonopolista, perdeu as esperanças de poder galgar os obstáculos da hierarquia da propriedade e se sente esmagada pela concentração do capital. Em fases de decepção com o movimento de esquerda, em fases de recesso, acompanhadas de crise econômica, produz um "socialismo" e um "coletivismo" compatíveis com os preconceitos da sua classe, que nunca ultrapassam as fronteiras nacionais e que distinguem entre propriedade "boa" e "má". É semelhante pequena-burguesia, que fornece os ideólogos e a massa para movimentos fascistas e suas milícias armadas. E é justamente o dinamismo dessa ideologia "anticapitalista" primária, que permite ao fascismo atrair e mobilizar camadas mais atrasadas do proletariado, coisa que as ditaduras militares não conseguem.

O fascismo coloca, portanto, problemas de luta de classe, que nós não conhecemos ainda. Se nós não somos forçados a enfrentá-los, é porque em nenhum país da América Latina o desenvolvimento do capitalismo atingiu um grau de saturação, para produzir semelhante pequena burguesia. Mas isso não quer dizer que estejamos imunes contra tal perigo.

O presente artigo de Thalheimer não esgota nem pretende esgotar o problema do fascismo. Trata principalmente do relacionamento burguesia / fascismo, isto é, do fascismo como forma de governo burguês. Concentra-se justamente nessa questão, porque sobre as origens e o caráter de classe desse

movimento não havia mais muitas dúvidas. Outro problema, que se impunha evidentemente era o da estratégia e tática a seguir na luta contra essa nova forma da ofensiva do capital. Prosseguiremos com a publicação de matérias sobre esses assuntos.

Finalmente queremos lembrar que "Sobre o Fascismo" foi redigido em 1928 e que também as menções à América Latina se referem às condições existentes entre nós naquela época. Cabe a nós aplicar criticamente o método de análise à realidade de hoje. Ninguém de fora pode cumprir essa tarefa no nosso lugar.

(Fonte: Revista Marxismo Militante Exterior nº 1, outubro de 1975, publicado em Heidelberg / Alemanha).

Parte 2 – **"Entre Jena e Leipzig"** e **"O Fascismo, A Pequena-burguesia e a Classe Operária**, de August Thalheimer

Como anunciamos, prosseguimos neste número com a publicação de subsídios para uma discussão do problema do fascismo. Apresentamos hoje mais dois artigos de Thalheimer, o teórico marxista que mais aprofundou a questão. **"Entre Jena e Leipzig"** foi publicado na *"Internationale"*, órgão teórico do KPD (Partido Comunista alemão), o outro, **"O Fascismo, A Pequena-burguesia e a Classe Operária**, no *"Rote Fahne"*, o órgão diário do Partido. Os dois trabalhos são de 1923. Portanto, são anteriores ao "Sobre o Fascismo", que publicamos no Número 1 de Marxismo Militante, que data de 1928.

Dissemos na introdução ao "Sobre o Fascismo", que aquele trabalho não tratava tanto das origens e do caráter de classe do fascismo e sim das suas relações com a grande burguesia. Tratava exatamente da função do fascismo como forma de governo, como variante específica da ditadura indireta da burguesia. Assinalamos também que o trabalho se concentrava nesse aspecto da questão porque, naquela época, os comunistas concordavam em princípio sobre o problema das origens e do caráter de classe do fascismo. Hoje, essa concordância não parece tão tranqüila, já que a experiência prática com o movimento fascista de massa não é da nossa geração.

Para completar o quadro, selecionamos agora artigos que cuidam das origens e do caráter do movimento e que dizem respeito, fundamentalmente, às relações do fascismo com a pequena-burguesia. 1923 foi o ano em que o nazismo fez a sua primeira tentativa de disputar o poder. Não conseguiu em virtude da recusa da classe dominante alemã de abrir mão dos seus instrumentos de governo direto - e a burguesia pôde tomar essa atitude porque tinha ainda à sua frente anos de prosperidade econômica, o primeiro "Milagre Econômico". O problema fascista na Alemanha se tornou agudo de novo de 1929 em diante.

Os artigos, que agora reproduzimos, ao contrário do "Sobre o Fascismo", não foram redigidos como análises teóricas, propriamente ditas. São trabalhos escritos durante a luta e em função desta. A teoria entra na medida em que fundamenta a militância imediata. Foram redigidos como pontos de vista da direção do Partido - da qual seu autor fazia parte - para orientar a atuação das bases e como tal tem que ser vistos. Por esse motivo, também, tomamos a liberdade de encurtar o artigo "Entre Jena e Leipzig", deixando de fora

algumas passagens que tratam de maneira particularmente detalhada a situação alemã de 1923.

Pretendemos ainda, no próximo número, publicar matéria sobre as posições do movimento operário revolucionário frente ao fascismo, da sua estratégia e tática, e particularmente da "teoria do social-fascismo", que em 1928 levou à cisão do KPD. É justamente este aspecto da questão que está tomando atualidade de novo, em virtude da tentativa, em escala mundial, de combater o neo-revisionismo com o armamento teórico do ultra-esquerdismo de ontem.

(Fonte: Revista Marxismo Militante Exterior, abril de 1976)